

A ficção como dispositivo para problematizar as tecnologias de si: alter ego, autoajuda e escrita de si

The fiction as a dispositive to problematize the technologies of the self:
alter-ego, self-help and writing about oneself

Moisés José de Melo Alves; Luis Artur Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO:

Este artigo apresenta conceitualmente ferramentas metodológicas erigidas e operadas em uma dissertação agenciando ficção e Psicologia Social na pesquisa da autoajuda como estratégia de governamentalidade. Delimita operações do método da narrativa ficcional para explorar um campo próprio da Psicologia Social: visibilizar e problematizar as tecnologias de subjetivação que dão corpo aos sujeitos contemporâneos. Para investigar as operações da autoajuda como constituintes das dobras de nosso tempo, necessitamos de uma escrita sensível e inteligível que nos permita visibilizar as tecnologias de si em ação na experiência cotidiana de governo e constituição do sujeito. Para tanto, foram criados um “personagem conceitual” e uma “figura estética” a fim de problematizar as Tecnologias de Si da autoajuda. Este ensaio pretende discutir modos experimentais de se pesquisar a partir da invenção de outros regimes de visibilidade, performatibilidade e dizibilidade, onde o texto se transforma em um espaço de respiro heterotópico de Escrita de Si.

Palavras-chave: narrativa ficcional; escrita de si; heterotopia.

ABSTRACT:

This article presents methodological tools ered on a master’s thesis which associate fiction and Social Psychology for research self-help as a governmentality strategy. Delimits operations of the fictional narrative method to explore a proper field of Social Psychology: to visualize and to problematize the subjectivation technologies who give corporality to the contemporary subjects. In this direction, to investigate the self-help operations as constituents of the folds of our time we need a sensitive and intelligible writing that allows us to visualize the technologies of the self in action in the daily experience of government and constitution of the subject. For this, a "conceptual personae" and an "aesthetic figure" were created aim to problematize Technologies of the Self of self-help. This essay, therefore, intends to discuss experimental modes of researching from the invention of other regimes of visibility, performatibility and readability, where the text becomes a heterotopic breathing space of Writing about Oneself.

Key-words: fictional narrative; writing about oneself; heterotopy.

Locuções, métodos, olhares: Abrindo caixas-pretas de nós

Esse pequeno texto se inicia em meio a um gostoso balançar que acompanha e embala o devaneio dos nossos pensamentos. É tempo de maré alta em lua cheia. Os peixes se agitam, hora boa para a pesca. O sol nasceu há pouco. O céu amanheceu azul, acompanhado de algumas solitárias nuvens que nos permitem imaginar as mais variadas esculturas de algodão. Ao longe pode ser escutado o som dos pássaros que partem para mais uma, em nossa mania de colonizar os outros, jornada de trabalho. Há também um aroma intruso, a que a boa memória de Bento, criada com moquecas, não consegue dar língua. Algo da indeterminação entre as hoje agitadas águas estuarinas e o tempo que faz desde a última vez que saiu para a lagoa. Além das redes, ele trouxe consigo o seu surrado caderno e uma pequena lapiseira para partilhar da brisa dessa manhã ensolarada. O rapaz, mesmo filho dessas águas, não pode se furtar de sua linha de bolsista de mestrado a tramar a rede que lhe apanha no marulho do mundo. Hoje, joga à rede para ajudar seu avô, mas também em busca de cooperação de alguns conceitos que possivelmente fiquem emaranhados em meio ao pescado do sustento da casa. Nessa manhã, curiosamente, tal arrastão nos trouxe o próprio personagem Bento (Alves, 2018), erigido durante o processo de escrita da dissertação segundo o conceito de tecnologias de subjetivação (COSTA e FONSECA, 2008). No entanto, nada de peixe.

Em um artigo acerca de uma possível delimitação do conceito de subjetividade a partir das linhas da diferença, Costa e Fonseca (2008) afirmam que o corpo pode ser escrito com novas cores, para além do preto e branco da ABNT, ou se quiserem para além dos rígidos perfis identitários. Sob a prerrogativa de que são os conceitos que produzem o mundo, os autores afirmam que em Platão (1972) se tem o corpo-prisão, em que alma/identidade está aprisionada. Com Descartes (1999), o corpo-filtro, sendo o Eu universal da razão (*Res Cogitans*) a condição primeva do conhecimento. Já com Nietzsche (1999), na proposição de um mundo em constante mutação (posto que é feito de ação sobre ação e estas querem-se em expansão), afirmam que temos a proposição de um corpo-vibrátil,

No entanto, em Nietzsche, serão demonstradas as cores desta vontade pelo geral, desta estética da translucidez que se crê sem tintas. Aqui, o corpo não é prisão, muro, ou filtro a ser domesticado em prol da verdade, mas sim um abismo invertido que nos lança e desfaz no mundo, em suas forças com as quais ressonamos. O corpo é uma pluralidade de vontades de potência em conexão com os fluxos de forças do mundo em uma alternância de arranjos, sem uma essência por trás das forças, pois, estas

mesmas são o ser. Corporizoma, não completamente dividido do mundo, diferencia-se a si e ao mundo, transformando-os. Corpo que não nega ou aparta sua subjetividade, mas sim, afirma sua singularidade móvel e sua parcialidade perspectivista. (COSTA e FONSECA: 517-518, grifos no original).

Essa subjetividade corpo-vibrátil (ROLNIK, 2014) se produz através da guerra das vontades de potência: são diferentes linhas em arranjos diversos que produzem posições nas quais surgem os sujeitos, ou seja, a perspectiva é anterior ao sujeito e não seu inverso (CASTRO, 1996). O perspectivismo, seja ameríndio (CASTRO, 1996) ou europeu (NIETZSCHE, 1999), nos permite visibilizar as tecnologias de subjetivação como dispositivos a modularem estilísticas de existência: regimes do ver, do fazer, do dizer, do sentir, do pensar, etc. (DELEUZE, 2010). Assim, adentramos um campo no qual perscrutar nós mesmos e nosso tempo é um movimento de delimitação das ético-estéticas moduladas pelas máquinas desejantes (DELEUZE e GUATTARI, 2010) das quais fazemos parte. Nesse sentido, ciência e arte deixam de ser classificadas de acordo ao primado da primeira pela segunda, a hierarquia é desfeita: o campo da experiência, das percepções, afetações, estilísticas, passa a ser também espaço de reflexão e pesquisa, além de território privilegiado de experimentação política (COSTA, 2012). Para sair da bíblia moderna cartesiana, ele nos concede essa possibilidade de heresia: afirmar um corpo rizomático, um corpo-rede, corpo-cardume a compor diferentes estilos de ser-fazer a si.

Novamente o gesto, mas na rede de Bento, nada de peixe.

Partindo do fato de que tal noção de perspectiva afirma uma trama de agenciamentos (agenciamento coletivos de enunciação) como modulação de nossa forma de pensar-ver aos sujeitos, substituto para a noção de indivíduo, temos aqui a possibilidade de construir como objeto de nossa investigação as tecnologias de si concebidas não como processos psíquicos, mas sim como práticas de governamentalidade a produzirem sujeitos. Neste contexto, elegemos para o presente trabalho uma das modulações de tais tecnologias: a autoajuda. Desse modo, escolhemos tal conjunto de práticas-prescrições de governo por conta de sua grande visibilidade e dispersão em nossas formas de ver e pensar aos modos de governar indivíduos e coletivos na contemporaneidade. Assim, abrindo caixas-pretas de nós, na perspectiva de um corpo perspectivado e múltiplo (composto pelas inúmeras linhas que se dobram), encontramos no corpo-rizoma Bento, que entra em contato com tal literatura, um campo

ficcional heterotópico para mergulhar a fundo nesse agenciamento entre a governamentalidade neoliberal e o poder de pastoreio da autoajuda.

A construção do personagem como Dispositivo de visibilizar e problematizar nossas tecnologias de subjetivação.

Deleuze e Guattari (2013) afirmam que o conhecimento é múltiplo e feito a partir das variações. Nesse sentido, propõe que ele é composto sempre por articulações, rearranjos e intercâmbios entre três planos: filosofia (imanência), ciência (coordenadas) e artes (composições). Na verdade, essa separação é didática, pois os planos estão em constantes processos de interferência-hibridização entre si. O plano de imanência concede o espaço para a criação dos conceitos; o plano de coordenadas permite que se façam juízos a partir do estabelecimento das proposições verdadeiras (*prospectos*), além da possibilidade de constantes de variação nas correlações a partir das funções (*functivos*), ou seja, condições de possibilidade de se fazer proposições (afirmar com certeza) e correlacionar abcissas e ordenadas; e por fim, o plano das composições é o responsável pelos *afectos* e *perceptos*, variadas possibilidades de afetação e percepção, operações em foco na esfera das artes. Além dessas diferenciações, os autores ainda citam que cada plano sugere uma figura: personagem conceitual no ramo da filosofia; tipo biopsicossocial a partir da ciência; e a figura estética junto às artes. Estes três personagens podem ser enlaçados no método de pesquisa para dar corpo às nossas tramas de agenciamento coletivas de enunciação por meio da ficção em hibridismo com as coordenadas e filosofia (COSTA e FONSECA, 2016).

Lhe apresento aqui, Leitora, algumas estratégias metodológicas que foram utilizadas ao longo do percurso do mestrado a fim de se compor a nossa figura estética, Bento, protagonista da dissertação atravessada por coordenações de um tipo biopsicossocial (jovem, mestrando, brasileiro, etc.) às quais ele ultrapassa em muito nas suas andanças heterotópicas. Aliás, foi em tais deambulares despretensiosos que nossa figura estética se viu alçada a um personagem conceitual. Por meio deste enlace entre os três personagens, erigimos um Dispositivo (DELEUZE, 2010) o qual nos permite dar corpo e problematizar as tecnologias de subjetivação que nos dobram segundo certos regimes do ver, dizer, sentir, fazer, pensar, etc. A produção de um dispositivo é aqui, em um só gesto, a construção de um modo de ver singular, de uma perspectiva (CASTRO, 1996; NIETZSCHE, 1999) e a problematização dos nossos regimes do que é dizível,

visível, performável, sensível, etc., pela interferência entre a perspectiva singular do Dispositivo que erige e é erigido pelo personagem Bento (pela articulação da ficção, filosofia e ciências sociais) com o Dispositivo que erige nossas tecnologias de subjetivação hegemônicas e suas normatividades.

Assim, a escrita do personagem Bento (o que lhe escreve e o que este permite escrever) enlaça uma complexa articulação de três planos: artes, ciências e filosofia. A construção da Figura Estética (Bento como personagem ficcional-sensível) atua dando visibilidade a linhas moleculares dos nossos agenciamentos coletivos de enunciação, ao campo das experiências de si, os blocos de *perceptos* e *afectos* a constituírem nossas vivências cotidianas. A construção do Tipo Biopsicossocial (Bento como sobrecodificação social, biológica e psíquica) nos permite articular à trama heterogênea, singular e sensível anteriormente referida (Figura Estética) a visibilidade das linhas duras dos nossos agenciamentos coletivos de enunciação, à presença da autoajuda como estratégia de produção de si prescrita em nossa sociedade, considerando aspectos identitários de gênero, classe raça-etnia, estabelecendo algumas coordenadas molares em meio às molecularidades pulsantes. Por fim, a produção de um Personagem Conceitual (Bento como Sujeito em Crise que escreve a si) nos permite agenciar elementos (termos, palavras, gestos, eventos, instituições, etc.) dos dois planos anteriormente referidos, de modo a construir uma máquina autopoietica a qual erige um dispositivo o qual torna possível uma certa perspectiva (regime do ver, dizer, pensar, etc.): Deleuze e Guattari (2013) denominam tal dispositivo-máquina autopoietico como Conceito (p. 31), o qual é cerzido pelo agenciamento de elementos heterogêneos (estéticos, sociais, biológicos, afetivos, etc.) presentes em um plano pré-filosófico do qual emerge, nesta ação de autorganização-produção o conceito como condição de possibilidade primeira do ver, escrever e pensar (pensamento aqui conceituado como atividade propriamente filosófica que consiste na transgressão de um bom senso, afirmação de uma perspectiva singular, por completo distinto da reflexão).

A construção do personagem como clínico-política ético-estética das tecnologias de si.

Explicitamos aqui, Leitora, o campo de possibilidades para que Bento atue como operador de uma clínico-política ético-estética de nossas tecnologias de subjetivação contemporâneas. Dar corpo aos cotidianos de tais processos de subjetivação que nos

atravessam sempre de modo singular, fazer ver e pensar às tecnologias de si contemporâneas em suas práticas de governo e afirmação de políticas da existência. Cerzir o bloco de *perceptos* e *affectos* modulado por uma tecnologia de si por meio de uma voz em primeira pessoa da escrita a qual opera uma quarta pessoa do singular-impessoal (um qualquer que não é qualquer um). Fazer ver modos de ver, fazer falar modos de falar, fazer sentir modos de sentir, (d)escrever modos de fazer, para outrá-los, deslocá-los, produzir *clinamem* em nossas tecnologias de afirmação de um si mesmo. Adentrar esta fábrica de interiores pela sua (re)invenção literária nas andanças de Bento e suas crises. Uma possível Antropologia Especulativa (SAER, 2012) de algumas práticas de produção do eu vigentes e virais em tempos de subjetividades empreendedoras (ROSE, 2011).

Nessa perspectiva, o campo problemático do qual a nossa metodologia se ocupa parte de um agenciamento entre as marés que dizem das políticas de construção do “Eu”, das que trazem as práticas e produções da psicologia, estas em conjunto às ondas políticas, no sentido do governo das condutas. Dessa forma, nos perguntamos: em meio à sociedade do controle (DELEUZE, 2013), quais as tecnologias e estratégias de subjetivação utilizadas pela governamentalidade contemporânea, através dos aparatos psi, que atuam para inventar o processo de dobragem desses “Eus”?

Essa problemática nos persegue na perspectiva da ética foucaultiana (2014) do não querer ser governado assim. *Ethos* esse, Leitores, que prima por querer uma vida não fascista, ou parafraseando a voz do próprio autor: não se apaixone pelo poder; não acredite que necessariamente seja preciso ser triste para ser militante (FOUCAULT, 1993).

Desse modo, para tentar dar conta dessa grande questão de pesquisa, foi estabelecida uma lista de obras para a revisão bibliográfica. Estas foram lidas e fichadas em coordenações que esmiuçaram as estratégias de tais obras, assim como suas composições sensíveis e conceito implícito que lhes servia de dispositivo do dizer-ver. Assim, a partir dos aportes teóricos à antropofagia (ROLNIK, 2014) conceitual, o campo da ficção se apresentou como território empírico de experimentação: na ficção inteligível e sensível intensificam suas núpcias antropofágicas.

A nossa metodologia teve como sustentação, por conseguinte, esses alicerces teóricos: trabalhamos com a subjetividade a partir do corpo-vibrátil e com as articulações entre os três planos do conhecimento. Dessa maneira, criamos uma

personagem para nos ajudar a pensar e produzir mediante a aposta na abertura de outro campo de intensidades. Desse modo, utilizamos de nossa personagem inicialmente apenas como uma “figura estética”. Esta nos empresta o seu corpo com o intuito possibilitar um campo sensível aos conceitos que trabalhamos durante a narrativa. Nesse sentido, Bento brinca com os “eles” visando produzir as mais variadas afetações, de memórias táteis a paisagens olfativas naquele que lê. Utilizamos, assim, o método da narrativa ficcional (COSTA, 2014) como estratégia ética, estética e política para problematizar as tecnologias de subjetivação do nosso tempo presente. O seu emprego nos auxilia a dar corporeidade a tais conceitos, torná-los sensíveis na experiência cotidiana do sujeito em seus processos de construção na atualidade. A nossa personagem é licenciada em Ciências Sociais, se formou há cerca de um semestre. O TCC que Bento apresentou foi o que o levou para Porto Alegre. Tal como o nosso, o seu trabalho de conclusão versou acerca das políticas públicas para o combate à drogadição. No entanto, ficou nítido para ele que apenas as explicações dos autores de seu curso não davam conta de pensar as questões que o moviam, era preciso novas cores ao seu olhar. Nossas tentativas, portanto, se empreendem no sentido de constituir composições sensíveis que deem corpo e operem o bloco de *perceptos* e *afectos* que servem de condição de possibilidade desta experiência da construção de nós mesmos.

A autoajuda como governamentalidade contemporânea.

Lançada a rede por Bento mais algumas vezes, vieram-lhe às mãos outros conceitos. Contudo, novamente nenhum peixe, os únicos que subiram eram muito pequenos, prontamente devolvidos – tinham três pequenos siris também, esses ficaram.

Assim como quem empresta seu pouco tempo de final de semana para dar uma força dentro d’água, a nossa personagem também nos auxilia a fazer falar do campo da imanência. Bento, atravessado pelas inúmeras linhas fugidias de nosso contemporâneo, encontra-se em crise. Não só ele. Nesses tempos de aceleração do capitalismo, precisamos a todo instante estar preparados para dar conta da próxima quebra da bolsa, da próxima crise na política, na educação, na família, enfim, da próxima urgência que se avizinha. Tal como cita Hardt (2000), as modulações dos nossos modos de vida estão imersas no imperativo da “oni-crise” do presente. Nos nossos tempos, a crise não é um evento isolado, localizado, de exceção, a crise é constituinte da nossa modulação cotidiana: velocidade, fluidez e urgência exigindo sempre um novo movimento para não

sairmos do lugar. Aqui, também poderíamos pensar na sociedade das relações fluidas, ou melhor, na liquidez com a qual elas se configuram em nosso presente, como nos fala Bauman (2014), bem como a questão de uma modulação mediante o imperativo da urgência em nossos hábitos corriqueiros e cotidianos, ao modo de como tão bem cartografou Bottoni (2017). A figura estética Bento, dessa forma, nos abriu caminho no decorrer de sua composição narrativa acerca das tecnologias de si contemporâneas para o “personagem conceitual”: sujeito em crise (DELEUZE e GUATTARI, 2013). O futuro se apresenta para os sujeitos contemporâneos como uma grande bocarra cheia de dentes e plena de possibilidades de fim e fracasso diante dos quais resta se prever o imprevisível e planificar o implanificável: aparentemente não se pode mais retornar ao regaço seguro da lógica disciplinar (como querem os conservadores mais afoitos) e planificar o futuro, posto que este tem de permanecer aberto, mas temos de estar preparados sempre para o imprevisível que virá. Ao passar na prova do mestrado, ele teve que decidir entre cursar ou ficar próximo à sua família. Quando estava para apresentar o seu trabalho de conclusão, recebeu a notícia que mais lhe arrancou o chão, o falecimento de sua avó. Fora um misto de alívio e impotência, havia anos que a poetisa dona Maria José não conseguia mais escrever, tampouco reconhecer os rostos de seus familiares, fora acometida pelo mal de Alzheimer. No olho desse furacão, Bento optou por abrigar-se na psicologia: as tecnologias de governo de si do campo da psicologia, autoajuda, *coaching* e afins se apresentam como ferramentas para enfrentar a tormenta sem tentar compartimentá-la ao modo disciplinar (na adolescência, por exemplo) ou buscar segurança em uma coletividade antiga (religiões, partidos, etc.).

Visando cartografar essa linha que vetoriza a crise como constituinte de nossos modos de existir, porto não foi tão alegre e Bento acabou por delirar – hoje, no barquinho Paciência, Bento já está praticamente recuperado dos seus devaneios treloucados. O fato é que para surfar nas ondas da governamentalidade neoliberal, as competências do sujeito precisam ser constantemente afiadas, estagnação é quase um pecado. Dessa forma, o nosso querido mestrando encontrou na autoajuda uma possibilidade de potencializar o seu “autoempreendedorismo”. Afinal, quem não quer, com alguns simples passos, se tornar mais proativo, se sentir mais competente, ser Diretor Executivo (CEO) da própria vida?

Nesse sentido, segundo Foucault (2008), de maneira extremamente sintética, o neoliberalismo se apresenta como uma resposta à lacuna deixada pelos pensamentos

liberais – e do próprio Marx – acerca do trabalho. Ambas as correntes se esqueceram de pensar no principal recurso de uma nação, o seu trabalhador. Desse modo, as práticas neoliberais de governamento das condutas, a partir da década de 1930, se atentaram justamente à produção de capital humano, passando a conceitualizar e, conseqüentemente, fazer com que cada sujeito se perceba e deseje se erigir como uma empresa. E como tal, precisa estar estruturada ao máximo para poder competir no exigente mundo das competências individuais.

O esquentado avô Joaquim já estava ficando furioso, “para o almoço temos apenas esses míseros crustáceos”, pensava consigo. Os peixes estavam muito preguiçosos, outra vez o esforço da rede e nada além desses conceitos que “não nos dão sustento algum”.

Esse tal conjunto de práticas do nascimento da biopolítica supracitado, em conjunto à anatomopolítica – genealogia da emergência do aprisionamento, ambas de Foucault – servem de base para a crítica de Rose (2011) com relação as estratégias neoliberais da sociedade contemporânea. Todo o regime de constante vigilância e adequação das condutas se transformou em uma enorme quantidade de dados observáveis, passíveis de mensuração/refutação e criação de técnicas. Ou seja, o estabelecimento de um certo estado de calculabilidade da heterogeneidade que é o ser humano. É interessante observarmos que tornar os sujeitos calculáveis (suas condutas, afetos, crenças, etc.) passa por um processo de desterritorialização e posterior reterritorialização sobre um território mais desterritorializado. Operação muito similar à do comutador universal, o capital, em permitir comparação entre tudo e todos - entes, acontecimentos, objetos, sujeitos, etc.-, posto que todos e tudo se tornam uma cifra. Calcular é desterritorializar, comparar, hierarquizar. Não é mais da ordem do singular e sim de um gradiente de comparação, ou se quisermos, relação de consumo. “Quanto mais a máquina capitalista desterritorializa, descodificando e axiomatizando os fluxos para deles extrair a mais-valia, mais os seus aparelhos anexos, burocráticos e policiais reterritorializam à força, enquanto vão absorvendo uma parte crescente de mais-valia”. (DELEUZE e GUATTARI, 2010: 53). O apagamento do processo de diferenciação constante em prol de um Self/Eu matematizado, oportuniza a utilização dos cálculos estatísticos para se esquadriñar, estriar os dados, alocando-os nos desvios padrões do comportamento adequado. Aspectos do indivíduo articulados em números agilizam/incrementam as possibilidades de governo destes aspectos, posto que se

tornam mais nítidos, manipuláveis (números, podemos carregar em Hds, pastas, documentos, ao passo que os comportamentos do indivíduo não podem ser armazenados e/ou manipulados com a mesma facilidade). O tão bem quisto capital social nada mais é do que a curva integral das estratégias e técnicas, que sempre se pretendem invisíveis, da sociedade de controle/segurança.

O almoço, enfim, saiu. Seu Joaquim teve que utilizar algumas folhas daquele surrado caderno que encontrou no interior da embarcação para ajudar a fazer fogo – Bento nem conseguiu opinar, nem se atreveria, quando viu já tinham sido arrancadas, felizmente apenas folhas em branco foram arrancadas. Como não poderia deixar de ser, um delicioso ensopado de traíra, especialidade do velho pescador. As redes estavam fracas, porém habilmente deixaram uma vara de pesca presa na lateral do barco. Nosso velho amigo, inclusive, fez questão de colocar dois dos siris no prato de seu neto.

Esse caldo com o qual nos alimentamos durante a dissertação tem, por conseguinte, dois ingredientes principais: as estratégias de domesticação/controlamento dos outros (poder/objetivação do sujeito) e as “Tecnologias de Si”, que segundo Foucault “[...] permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade. (2004: 323-324). A governamentalidade neoliberal, ou esse nosso caldo, é bastante extenso, praticamente um mar aberto. Dessa forma, a nossa âncora foi lançada em um pequeno quadrante, de modo que a literatura de autoajuda apareceu como o campo empírico para o nosso mergulho. Hoje, ela se consolidou como um importante imperativo dessa “inspeção da alma” com o intuito de alcançar o bem-estar e a felicidade prometida.

Aqui, submergem conosco os profissionais do saber técnico das ciências humanas, mais precisamente os da área psi, para nos ajudar a lhe apresentar esse nosso quadrante empírico: a literatura de autoajuda. São os profissionais desse ramo das ciências humanas que efetuarão e continuam realizando a tradução daquela linguagem matemática/científica supracitada (produtora de verdades universais) à produção da subjetividade interiorizada. A estatística concede um lugar de discursividade com status epistêmico superior, visto que simbolicamente gravita em torno do caráter neutro de verdade; afinal, são números, gráficos, curvas sob o plano cartesiano. Isso contribuiu ao saber sobre o psicológico com mais condições supostamente técnicas para o ajuste

daqueles que desviavam/desviam dos padrões de aceitabilidade – notadamente morais – de se viver em sociedade.

É nesse sentido que os livros da autoajuda surgiram como a aposta de nossa pesquisa quando, mediante uma linguagem menos rebuscada, seus exemplares se ocupam da prescrição de condutas. O ponto é que tal literatura tem grande atuação em nossa sociedade e, ditando suas regras, publica as suas mais variadas dicas e/ou passos com status de verdade psi. No entanto, na grande maioria dos casos não há qualquer embasamento do campo da teoria psicológica, psicanalítica e/ou psiquiátrica e, assim como um reflexo de um grande imperativo do nosso presente, apenas “parece ser” – fazendo uso do espaço consolidado de tal saber para alavancar as suas vendas e, por conseguinte, seu alcance. Dessa forma, a autoajuda constitui um discurso-prática bem próprio da tradição do Poder Pastoral em sua variação para governamentalidade, de tal modo que a estética dos números e gráficos é emulada em textos prescritivos com elevado grau de moralidade. Ou seja, tende a esconder do público em geral suas lógicas normatizantes por meio de uma roupagem que se quer neutra, assim como os próprios estudos estatísticos do comportamento o fazem.

Com isso, foram pescados três livros entre os mais vendidos, de maneira que qualitativamente cada um deles gerou um ensaio:

- *Como fazer amigos e influenciar pessoas* (1936) de Dale Carnegie, livro em sua 52ª edição, com mais de 50 milhões de cópias;
- *O Monge e o Executivo* (2004) de James C. Hunter, mais de 3,5 milhões de exemplares comercializados;
- *Ansiedade: como enfrentar o mal do século: A Síndrome do Pensamento Acelerado* (2014) de Augusto Cury, autor com mais de 25 milhões de livros vendidos.

Delírio e humor como métodos críticos: problematizando as tecnologias de si pela ficção.

A pesca de tais livros deu-se nesse movimento da nossa personagem de tentar desesperadamente suprir as exigências da vida contemporânea. No entanto, não satisfeito apenas com as suas prescrições, nossa personagem criou novos personagens de si mesmo visando dar sentido àquilo que sente na pele (essa modulação da constante

crise do presente) e não consegue nominar – ou nós o fizemos enlouquecer para não enlouquecermos. O delírio adentrou a narrativa radicalizando a ficção e a poética operada por esta figura estética Bento em seu plano de composições: o excesso e a experimentação, as misturas intempestivas, os devires loucos em suas variações e combinações a romper sobrecodificações, proposições, funções, objetos. O delírio na ficção é uma perigosa arte heterotópica de tensionar as formas dos objetos para deslocar nosso regime de visibilidade, dizibilidade, performatibilidade (COSTA, 2014). Em nossa narrativa, que deveio delirante, tivemos a possibilidade de colocar em xeque, desestabilizar, os movimentos do bom senso e do senso comum. Segundo Deleuze (2015), na série sobre o paradoxo, o bom senso é um a priori que possibilita a tudo prever e ordenar, em conjunção ao senso comum, que permite concluir que tudo o que ocorre no mundo é da ordem de um só e sempre igual sujeito. Dessa maneira, a operação delirante nos permite destronar essas faculdades do conhecimento linear e individualizado – lembrando que trabalhamos na perspectiva do corpo-vibrátil. Ao mesmo tempo, fazemos operar na narrativa as formas de como os manuais de autoajuda se configuram como umas das importantes tecnologias, com o suposto saber neutro e científico da psicologia, de controle neoliberal dos corpos – intrinsecamente ligado ao cenário político que vivemos. Assim, ao nos abirmos para a criação de novos sentidos, com a operação do delírio acabamos por ficcionar a própria narrativa ficcional.

Em conjunto a essa operação delirante, nosso texto muitas vezes navega flertando com o riso. Na décima nona série de paradoxos, a do humor, Deleuze (2015), discutindo o tema da linguagem, propõe uma diferenciação entre a ironia e o humor. Para o autor, a ironia só funciona quando quem fala se encontra em grau de superioridade, tal como as ironias socráticas, marca da metafísica platônica. Somado a isso, a ironia também se remete ao modo indivíduo e ao “Eu” interiorizado do romantismo, “pois se a ironia é a coextensividade do ser com o indivíduo, ou do Eu com a representação, o humor é a do senso com o não-senso; o humor é a arte das superfícies e das dobras, das singularidades nômades e do ponto aleatório sempre deslocado [...]” (p. 143). O humor se encontra na superfície, não nas profundezas do sujeito ou nas alturas do mundo ideal. Ele difere do risível do outro (ironia), sai dessa posição de conforto assimétrico que reitera “superioridades” e “subalternidades” pressupostas pelo Bom Senso e Senso Comum dos ditos “Homens de Bem”. Humor e delírio que se encontram no *non-sense* e paradoxo como operações disruptivas das formas, códigos e

superfícies próprias do Corpo Sem Órgãos (CsO) em sua produção de não produção. A operação da dupla humor e delírio nos auxilia com a provocação do senso comum e do bom senso, visto que os coloca em questão, produzindo ranhuras em sua linearidade. Além disso, o uso do humor é uma maneira bastante interessante de tornar a crítica possível (fazendo aceitável o inaceitável): o bobo da corte é o único que pode expor os ridículos do rei em uma prática de parresiasta! Assim, desde a conversa entre cães de Cervantes, passando pelos monstros de Rabelais e o Ubu Rei de Alfred Jarry, chegando a Perec, Calvino, Lars Von Trier, entre tantos, vemos o uso do humor como estratégia para abalar as bases do que está instituído.

O nosso humor, bem verdade, tem um quê de cinismo. Quando Platão parte em busca das essências e define o Homem como um ser bípede sem plumas, Diógenes balança em praça pública, às gargalhadas, um galo por ele mesmo desplumado, como quem diz se eu tirar as suas penas, a ave facilmente torna-se esse tal Homem. Segundo o dicionário Michaelis, a palavra “cínico” vem do grego *kynikós* que quer dizer “o que lembra um cão” (cachorro é *kyon*) – muito embora, hoje, quando tratamos sobre o comportamento de nossos pets, esse adjetivo seja comumente utilizado para nos referirmos ao comportamento dos felinos. Há outra explicação etimológica que cita que a palavra deriva *kynosarge* (cão cinzento), nome de um ginásio periférico de Atenas que o famoso Diógenes utilizava como dormitório – o próprio filósofo se intitulava “O Cão”. Esse pensador é um dos grandes representantes da escola filosófica cínica, conhecida por usar de seu humor mordaz para tensionar a moralidade ateniense, questionando em ato as normas instituídas do comer, beber, morar e transar, transvalorando a estética de si grega. Curiosamente, é a figura desse animal que acabou sendo utilizada para nos ajudar a trabalhar com a autoajuda em nossa navegação. O fato é que Bento começa a delirar com o seu cachorro de estimação, ou o seu melhor amigo, um dos muitos que teve que deixar para trás quando se mudou para a capital. Mais precisamente, nossa querida personagem descobre que na verdade são os cachorros quem nos possuem. O amor incondicional que demonstram para com os humanos nada mais é que um complexo jogo de controle sobre o nosso desejo, nos capturando e, portanto, principalmente nos governando através do mais nobre dos sentimentos. Cínica também é a maneira como se dá o agenciamento entre o capital e o Estado Moderno, “[...] o cinismo é o capital como meio de extorquir sobretrabalho, mas a piedade é este

mesmo capital como capital-Deus de onde parecem emanar todas as forças de trabalho”. (DELEUZE e GUATTARI, 2010: 299-300).

Delírio cínico no qual Bento-cão passa a enxergar com outra pele, perspectiva xamânica na qual a singularidade se produz na corporeidade ao passo que a alma é um princípio geral imanente de vida, tal qual na cosmovisão ameríndia que faz uma inversão da perspectiva europeia: multinaturalismo no qual o espírito é uno e os corpos são quem diferem (CASTRO, 1996). Assim, quando o xamã coloca uma pena ele não se fantasia, mas transmuta sua singularidade corporal, sendo o xamã aquele que consegue romper as barreiras entre as singularidades corpóreas e viajar por entre as muitas naturezas graças a uma especial capacidade de unir sensível e inteligível nos seus ritos, bem ao modo daqueles que tomam a ficção-delírio como método (FONSECA et al, 2010).

Apenas o xamã consegue ver a face espiritual de onças, tucanos, palmeiras, pedras e rios: todos são humanos e se singularizam em seus corpos. O Eu colonial deixa a cena em prol dos pronomes relacionais, em prol das relações de predação, das relações corporais (penas, garras, cores, etc.) que operam ao modo do ciborgue e da máscara do xamã a se agenciarem e singularizarem a alma imanente do mundo. Desse modo, o que difere, é a maneira como esse espírito humano está vestido-encarnado e é justamente essa roupagem do corpo que produz a perspectiva de fala, percepção e afetação, dado que é a através dessa roupa-pele que se é permitido viver: “Mas as coisas que eles vêem são outras: o que para nós é sangue, para o jaguar é cauim; o que para as almas dos mortos é um cadáver podre, para nós é mandioca pubando; o que vemos como um barreiro lamacento, para as antas é uma grande casa cerimonial” (CASTRO, 1996: 127). Desse modo, podemos pensar nossa metodologia ficcional de uma personagem como uma espécie de xamanismo que veste pele, garra, adornos e se torna outro “antropofagicamente”, apenas para ser outro e não aquele.

É justamente através do delírio/troca pele com seu cachorro, o velho pastor alemão com a sua característica mancha branca no focinho, que se dá o encontro entre a governamentalidade neoliberal e o método da narrativa ficcional. A figura estética Bento e seu corpo que agencia a questão da crise permanente como personagem conceitual encontram nos três livros pescados uma possível fuga, das muitas tentadas, ao desespero que tal modulação suscita. Tentando a todo custo produzir sentido e território em meio ao caos de sua vida, além da terapia, o mestrando Bento se depara

com tal literatura. Primeiro seduzido pela capa de “Como fazer amigos”, livro com mais de 50 milhões de cópias vendidas, o rapaz devora o exemplar. Este, por sua vez, ensina com rápidos passos como utilizar das pequenas seduções cotidianas para se tornar mais afável, de modo que a partir dessa tática se consiga possuir primeiro para depois conduzir os demais, tal como fazem os nossos fiéis escudeiros – Bento se dá conta disso quando está conversando com o pastor, ambos rodeados por outros estudantes que rapidamente sacaram os seus *smartphones* para filmar a cena entre as mesas do restaurante universitário. Outra vez seduzido pelo *marketing*, o segundo livro com milhares de cópias surge prometendo uma inversão de valores no mundo dos negócios: um executivo de sucesso precisa se tornar um líder servidor, para que tal doação aos demais seja a chave para a liderança. Já o último, como não poderia deixar de ser, Augusto Cury, em um de seus mais de 40 livros do gênero publicados, tenta ensinar aos seus leitores como fazer para ser uma pessoa menos ansiosa, como acelerar e neurotizar o seu pensamento para ser menos neurótico e ansioso, trazendo Jesus Cristo como o padrão ouro de comportamento – felizmente os últimos dois delírios ocorreram em ambiente seguro, no consultório de terapia.

Como já referido anteriormente, essa literatura tem grande abrangência, dada a sua linguagem prescritiva ser pouco rebuscada e oferecer saídas supostamente rápidas e eficientes, afinal tempo é dinheiro nos dias de hoje. Dessa forma, com um discurso intrinsecamente ligado ao poder pastoral e, por conseguinte, a moralidade judaico-cristã, ele ocupa um lugar estratégico nas lacunas deixadas pela racionalidade do Estado neoliberal, promovendo de maneira invisibilizada os imperativos do autoempresendedorismo de si. Nessa perspectiva, quando o corpo de Bento se deixa submergir pela sedução das respostas fáceis de tal razão governamental, suas crises começam a se espalhar cada vez mais, posto que para dar conta delas o único responsável é ele mesmo. Se você fracassou, a única resposta possível para tal fatalidade é a de que você não foi empreendedor o suficiente, você não estava preparado por completo, não adquiriu todas as competências necessárias, você não consumiu/explorou toda a sua potencialidade: ei, você, quem sabe tente da próxima vez! Com isso, Bento delirante, ou você que está lendo nesse momento, é capturado em um jogo de culpabilização irônica/sádica, em que os seus poucos êxitos não significam muita coisa e os seus inúmeros fracassos são de responsabilidade individual, exclusivamente seus – não à toa a culpa seja convocada a fazer girar as prescrições dos

exemplares e o omeprazol seja o objeto mais desejado para lidar com os nossos estômagos cristãos em crise.

Após o cochilo do almoço, Bento e seu Joaquim, meio a contragosto, decidiram investir na experiência de pescar à sua maneira mais prazerosa: com pequenas varas de bambu e sem molinete. O problema que rondava o ambiente é a questão de que velho pescador não consegue relaxar. Embora o dia seja dedicado a um passeio de folga para curtirem um pouco do raro tempo que conseguem estar na presença um do outro, “o diesel que move o Paciência não é pago com lazer” – sair à lagoa em tempo bom e não trazer nada para a casa é um completo desperdício.

Seguindo as linhas do humor e do delírio, optamos pela produção de imagens oníricas e mnemônicas como uma forma narrativa alternativa capaz de suprimir as citações e demais elementos conceituais e teóricos mais duros e “puros”. Por meio destas imagens dividimos alguns elementos de nossa oficina, dos bastidores da criação, de nosso atelier de escrita tão sensível quanto inteligível corporificada em Bento, mas o fazemos mantendo a estilística onírica-delirante e debochada que forja ao texto. Provocados por algumas colocações da banca de qualificação, apostamos quase todas as fichas na narrativa. O porém dessa questão colocada é que gostamos do hibridismo metodológico entre os platôs do conhecimento. Nesse sentido, como quem quer dividir a sujeira das horas e horas do atelier, transformamos as citações de maior relevância em fotos e naquilo que chamamos de “esquemas delirantes” – em suma, pensações de estudo de nosso querido mestrando, esquemas abertos que jogou nos cadernos que tinha ali à mão. Com isso, para resolver uma das críticas mais contundentes e importantes que recebemos, retiramos as citações, as deixando como conteúdo imagético que se costura com o desenrolar da narrativa. Dessa forma, nossa escrita que estava muito atravancada ganhou um grande fôlego de posse desse novo estilo. Além de que acreditamos que com essa “limpeza”, os conceitos passaram de fato a operar no texto e o delírio da culpa com as crises do presente se tornaram cada vez mais sensíveis.

Ali, entre as puxadas dos peixes na vara de pesca e o silêncio que se seguia as poucas frases que trocavam – fora sempre muito custoso conseguir um diálogo mais prolongado com o velho Joaquim –, refletindo sobre as singularidades de nossas operações metodológicas, podemos também tentar aproximá-las de uma espécie do que Foucault (2014) trata por “Escrita de Si”. Esse texto data de 1983, a última fase do pensador francês. Nele, o autor traz três tipos de métodos de escrita que trabalham na

perspectiva de relatar a si mesmo. As anotações monásticas do início da nossa era (séculos I e II), em que através do pastorado os monges eram obrigados a escrever acerca da sua intimidade – o que posteriormente vem a se delinear como a criação das verdades interiores mediante a verdade de confissão; os *Hypomnêmata*, que eram pequenos cadernos de anotação que os gregos utilizavam para colecionar fragmentos, citações que resumiam os seus dias; e por último, as cartas que eram trocadas na antiguidade clássica, em que os correspondentes escreviam acerca de seu dia-a-dia, relatando com fidelidade as práticas que exerciam, até mesmo dando conselhos de como se viver aos seus destinatários. Foucault (2014) cita que era nos conteúdos dessas cartas que se podia observar um verdadeiro trabalho de inspeção de si, visto que nos cadernos de anotação o que se escrevia não se detinha em relatar apenas as práticas cotidianas, e nos mosteiros o espaço era dedicado às práticas ascetas para a expiação dos pecados. Assim, a narrativa ficcional a partir de um alter ego, se empreende também como uma produção de uma reflexão e inquietação constante com o processo de subjetivação de quem as escreveu, com as mais variadas linhas que nos forjam, colocando em questão a nós mesmos enquanto foi composta as aventuras do Bento.

Com isso, a navegação ficcional a partir de um protagonista estético que se quer na quarta pessoa do singular impessoal nos faz compreender e propor esse lugar, esse espaço de escrita como um possível espaço heterotópico (FOUCAULT, 2009) de fazimento e desfazimento da ficção que é a nossa própria vida. Espaço outro esse que, como já citado anteriormente, prima por uma ética e estética da existência não fascista. Ao escrever os delírios de nossa personagem, sem querer ou melhor por acaso, junto a tela e ao teclado do *notebook* foi se criando uma localidade de respiro frente as diversas crises que nos assaltam o tempo todo. Podemos dizer que de alguma forma bem-humorada, e não irônica, o texto foi se tornando clínico àquele alter ego qualquer, ao passo que em meio a confusão de criador e criatura nós que escrevíamos fomos criando um certo tipo de território de cuidado em conjunto a escrita experimental da dissertação. Com Bento, nós mesmos nos transformamos ao entrar em contato com esse tal espaço “alter heterotópico”. Aqui, podemos afirmar que nas dobraduras entre texto-personagem-mestrando emergiu uma máquina clínica de fabricação de novos sentidos e outramento de si, afinal esse alter ego não é uma simples projeção de um suposto “Eu” de quem escreve.

Voltando para a casa mirando as estrelas, deitados na proa do nosso Paciência (queremos dizer, o barco da família do Bento que praticamente nos apossamos), já quase chegando no ancoradouro da comunidade, talvez possamos tentar entregar essa escrita.

Operamos, portanto, com método da narrativa ficcional atravessado pelo humor-delírio-cínico-xamânico em uma escrita de si heterotópica a qual acontecimentaliza (FOUCAULT, 2014) nossas tecnologias de si. Articulamos pelo plano de composições, através da narração, o mais enrijecido, o plano de coordenadas da academia. Com isso, Bento empresta seu corpo/voz para trabalharmos conceitos como os de ritornelo (DELEUZE e GUATTARI, 2012), que nos permite as paisagens territoriais, como linhas que concedem um certo chão em meio ao mundo que deveio caos, marcando os agenciamentos do território existencial; o processo da dobragem, compondo a curvatura do lado de dentro do lado de fora, o “barco como dobra da lagoa” – brincamos com a afirmação de Deleuze (2010); a culpa como um dos principais articuladores das tecnologias da governamentalidade neoliberal da gestão dos humanos, visto que nós do ocidente, mesmo resistindo, temos as chagas judaico-cristãs quase marcadas a fogo; abrir a caixa-preta dos livros de autoajuda que pescamos – que mais parecem homilias dominicais com vários duplos-vínculos; entre outros.

Enfim, fica aqui o convite à nossa navegação experimental, Leitora! Com o método da narrativa ficcional a implicação do pesquisador é a todo momento convidada ao baile das ondas do texto. Podemos dizer que é uma política e uma ética com a pesquisa, com o texto e com a vida; afinal, no campo da ficção a escrita se faz ao se escrever, não há uma carta náutica prévia.

Referências

- ALVES, Moisés José de Melo. *Ouvindo Vozes e Contando Histórias: Locuções do Eu na Contemporaneidade*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2018. A dissertação citada encontra-se no repositório digital da UFRGS: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/187608>.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BOTTONI, Francine Delavald. *Uma palavra para dizer o murmurar dos ventos: a urgência como constituinte da subjetivação contemporânea*. Dissertação

- (Mestrado em Psicologia Social e Institucional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.
- CARNEGIE, Dale. *Como fazer amigos e influenciar pessoas*. Trad. Fernando Tude de Souza. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 52ª ed., 2012.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 19/04/2018.
- COSTA, Luis Artur. *Desnaturar desmundos: a imagem e a tecnologia para além do exílio no humano*. 2012. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/55684>. Acesso em: 07/07/2018.
- _____. O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. *Revista Fractal*, Niterói, v. 26, p. 551-576, 2014. Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/1317/1013>. Acesso dia: 11/04/2017.
- COSTA, Luis Artur & FONSECA, Tania Mara Galli. Da diversidade: uma definição do conceito de subjetividade. *Interam. j. psychol.*, Porto Alegre, v. 42, p. 513-519, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13/11/2016.
- _____. “O Personagem Conceitual e a Poética Ficcional: Uma Estratégia de Escrita no Empirismo Transcendental”. Em: Flávia Cristina Silveira Lemos; Dolores Galindo; Pedro Paulo Gastalho de Bicalho; Flávio Valentim de Oliveira; Igor do Carmo Santos; Arthur Santos; Érica Nazaré Marçal Elmescany; Mário Tito Barros de Almeida. (Org.). *Criações transversais com Gilles Deleuze: artes, saberes e política*. Curitiba: CRV, p. 191-214, 2016.
- CURY, Augusto. *Ansiedade: como enfrentar o mal do século: A Síndrome do Pensamento Acelerado: como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos*. São Paulo: Saraiva, 2014.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad. Cláudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 9ª reimpressão, 2010.
- _____. *Lógica do Sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 5ª ed., 2015.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- _____. “Acerca do Ritornelo”. Em: *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, V.4, 2ª ed., p. 121-179, 2012.
- _____. *O que é a Filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 3ª ed., 2013.
- Descartes, René. *Meditações*. Trad. E. Corvisieri. Em: *Descartes: Vol. 13. Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

- FONSECA, Tania Mara Galli COSTA, Luis Artur; RODRIGUES, V.; NEVES, José Mário. O delírio como método: a poética desmedida das singularidades. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Online), v. 10, p. 169-189, 2010. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a12.pdf>. Acesso dia: 13/03/2018.
- FOUCAULT, Michel. O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. Em: *Cadernos de Subjetividade*. Trad. Fernando José Fagundes Ribeiro. São Paulo: PUC-SP, v.1, n.1 p. 197-200, 1993.
- _____. Tecnologias de Si. *Verve*, São Paulo, v.6, 321-360, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017/3559>. Acesso em: 20/02/2018.
- _____. *O Nascimento da Biopolítica*, Curso dado no Collège de France (1978-1979). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. “Outros Espaços”. Em: *Ditos e Escritos III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ª ed., p. 411-422, 2009.
- _____. “A Escrita de Si”; “Mesa Redonda em 20 de maio de 1978”. Em: *Ditos e Escritos*, vol. V: Ética, Sexualidade, Política. Org. Manoel Barros da Mota. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3ª ed., p. 141-157 e p. 328-344, 2014.
- HARDT, Michael. A Sociedade Mundial de Controle. Em: ALLIEZ, Éric (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, p. 357-372, 2000.
- HUNTER, James C. *O Monge e o Executivo: uma história sobre a essência da liderança*. Trad. Maria da Conceição Fornos de Magalhães. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. Obras incompletas. Trad. R. R. Torres Filho. Em: *Nietzsche*: Vol. 21. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- _____. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PLATÃO. Fédon. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. Em: *Platão*: Vol. 2. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2ª ed., 2014.
- ROSE, Nikolas. *Inventando Nossos Selves: Psicologia, poder e subjetividade*. Trad. Arthur Arruda Leal Ferreira. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.
- SAER, Juan José. O conceito de ficção. Trad. Luís Eduardo Wexell Machado. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 8, p. 1-6, julho de 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12610/9185>. Acesso dia: 30/04/2018.

Moisés José de Melo Alves
PPGPSI/ UFRGS

Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: moser.018@gmail.com

Luis Artur Costa

Departamento de Psicologia Social e PPGPSI/ UFRGS

Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: larturcosta@gmail.com